

MONTE ALVERNE*

AO PADRE-MESTRE A. J. DA SILVEIRA SARMENTO¹

(1858)

Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida
No alto do pedestal;²
Assim o cedro das florestas virgens
Cai pelo embate do corcel dos ventos
5 Na hora do temporal.³

* Este poema ocorre em JC (6 dez. 1858, p. 6), em CRIS1864 (p. 111-114), em PC1937 (p. 70-72), em PC1953 (p. 70-72), em OCA1959 (v. III, p. 214-215), em PCEC1976 (p. 206-208), em OCA1994 (v. III, p. 202-204), em CHRYS2000 (p. 82-84), em TPCL (p. 66-68), em PCRR (p. 318-320) e em OCA2015 (v. 3, p. 622-623). Texto-base: CRIS1864. Em JC, o título é “Mont’Alverne”. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em JC a impressão é de muito má qualidade; algumas leituras da pontuação em final de versos é duvidosa. O título do poema em JC é: Mont’Alverne. Frei Francisco de Monte Alverne, nascido em 9 de agosto de 1784, havia morrido no dia 2 de dezembro de 1858 – apenas quatro dias antes da publicação deste poema, por Machado de Assis, no *Jornal do Comércio*.

¹ Em JC: AO MEU MESTRE E AMIGO O PADRE-MESTRE A. J. DA SILVEIRA SARMENTO. Sobre essa dedicatória, CRIS1864 (p. 171) traz, ao final do volume, a seguinte nota do autor: “A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmento é um justo tributo pago ao talento, e à amizade que sempre me votou este digno sacerdote. Pareceu-me que não podia fazer nada mais próprio do que falar-lhe de Monte Alverne, que ele admirava, como eu. / Não há nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: há igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho do que eu, fazia-se nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro. Circunstâncias da vida nos separaram até hoje.” Ubiratan MACHADO (2008, p. 309) escreveu: “É bem provável que os dois [Machado de Assis e o padre Sarmento] tenham se conhecido na livraria de Paula Brito, frequentada por todos os intelectuais da cidade.”

² Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida / No alto do pedestal;] Morreu! / – Caíste, oráculo moderno, / Do alto do pedestal! – em JC. Observe-se que o primeiro verso, no jornal, vem em duas linhas – seu segundo segmento começa alinhado com os versos hexassílabos.

³ temporal.] temporal! – em JC; temporal.. – em PC1937; temporal... – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994; temporal; – em CHRYS2000. O encontro vocálico na primeira sílaba do verso não resulta em ditongo – então, ou o verso fica com sete sílabas ou torna-se obrigatória uma das seguintes duas pronúncias: “N’hora do temporal” ou “Na hora do temp’ral.” A opção pela última evita o cacófono (“N’hora”) da primeira.

Morreu! – Fechou-se o pórtico sublime
De um paço secular;⁴
Da mocidade a romaria augusta
Amanhã ante as pálidas ruínas
10 Há de vir meditar!

Tinha na frente de profeta ungido
A inspiração do céu.
Pela escada do púlpito moderno
Subiu⁵ outrora festival mancebo
15 E Bossuet desceu!⁶

Ah! que perdeste num só homem, claustro!⁷
Era uma augusta voz;⁸
Quando essa boca divinal se abria,
Mais viva a crença dissipava n'alma
20 Uma dúvida atroz!

Era tempo? – a argila⁹ se alquebrava
Num áspero crisol;¹⁰
Corrido o véu pelos cansados olhos¹¹
Nem via o sol que lhe contava os dias,¹²
25 Ele – fecundo sol!

A doença¹³ o prendia ao leito infausto¹⁴
Da derradeira dor;¹⁵
A terra reclamava o que era terra,¹⁶
E o gelo dos invernos coroava
30 A frente do orador.

⁴ Morreu! – Fechou-se o pórtico sublime / De um paço secular;] Morreu! fechou-se o pórtico sublime, / De um paço secular! – em JC.

⁵ Subiu] Subindo – em JC.

⁶ E Bossuet desceu!] Demóstenes – desceu! – em JC.

⁷ Ah! que perdeste num só homem, claustro!] Ai, que perdestes num só homem, claustro – em JC.

⁸ voz;] voz! – em JC. Em OCA1994, o deslocamento deste verso para a direita é menor do que o dos demais hexassílabos.

⁹ Era tempo? – a argila] Era tempo? a argila – em JC; Era tempo! – A argila – em PC1953, em PCEC1976, em CHRYS2000 e em TPCL; Era tempo? – A argila – em OCA1959 e em OCA1994. A edição crítica adotou o ponto de exclamação depois de “Era tempo!” – o que nos parece aproximar a leitura do senso comum. O ponto de interrogação não é de todo descabido; pelo contrário, ele introduz variedade de inflexão na dicção do poeta.

¹⁰ crisol;] crisol. – em JC.

¹¹ olhos] olhos, – em JC.

¹² dias,] dias – em JC.

¹³ A doença] Adoença – em PC1937.

¹⁴ infausto] infausto, – em JC.

¹⁵ Da derradeira dor;] E à cabeceira a dor; – em JC.

¹⁶ terra,] terra – em JC.

Mas lá dentro o espírito fervente
Era como um fanal;¹⁷
Não, não dormia nesse régio crânio
A alma¹⁸ gentil do Cícero dos púlpitos,
35 – Cuidadosa Vestal!¹⁹

Era tempo! – O romeiro do deserto
Para um dia também;
E ante²⁰ a cidade que almejou por anos
Desdobra um riso nos doridos lábios,
40 Descansa e passa além!²¹

Caíste! – Mas foi só a argila, o vaso,²²
Que o tempo derrubou;²³
Não todo à essa²⁴ foi teu vulto olímpico;
Como deixa o cometa uma áurea cauda,
45 A lembrança ficou!

O que hoje resta era a terrena púrpura
Daquele gênio-rei;
A alma voou ao seio do infinito,
Voltou à pátria das divinas glórias
50 O apóstolo da lei.²⁵

Pátria, curva o joelho²⁶ ante esses restos
Do orador imortal!
Por esses lábios não falava um homem,²⁷
Era uma geração, um século inteiro,²⁸
55 Grande, monumental!²⁹

¹⁷ fanal;] fanal, – em JC.

¹⁸ A alma] Alma – em CHRYS2000.

¹⁹ Vestal!] vestal! – em JC.

²⁰ E ante] E, ante – em JC.

²¹ Em JC, entre esta estrofe e a seguinte, há esta estrofe, que não aparece no texto-base: “Era tempo! – Por pálido horizonte / Erguia-se o luar. / Sol, – a hora bateu do teu ocaso; / Treva da campa absorveu-te a face / Na hora crepuscular!”

²² vaso,] vaso – em JC.

²³ derrubou;] derrubou. – em JC.

²⁴ A palavra vem grafada – “eça” –, à antiga, nas seguintes edições: JC, CRIS1864, PC1937, PCEC1976, CHRYS2000, TPCL, PCRR e OCA2015.

²⁵ Voltou à pátria das divinas glórias / O apóstolo da lei.] Voltou à pátria o oráculo eloquente / De uma divina lei. – em JC.

²⁶ o joelho] os joelhos – em CRIS1864 (corrigido na errata).

²⁷ homem,] homem. – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976, em CHRYS2000 e em TPCL.

²⁸ Há mais de uma maneira de ler este verso. Esta nos parece a melhor: “Era uma geração, um séc’lo inteiro.”

²⁹ Entre esta estrofe e a última, em JC, há uma estrofe (que não aparece no texto-base): “Tu, Mont’Alverne, Bossuet do século, / Dorme, descansa. Adeus! / Tua palavra não morreu. Aos evos, / Na arca do livro, passarás – ovante, / Apóstolo de Deus!”

Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida
No alto do pedestal,³⁰
Assim³¹ o cedro das florestas virgens
Cai pelo embate do corcel dos ventos
60 Na hora do temporal!³²

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CHRYS2000 – *Crisálidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.
CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
JC – *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1858, p. 6.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de [J. M. MACHADO DE ASSIS]. Mont'Alverne. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 6, 6 dez. 1858.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

³⁰ Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida / No alto do pedestal;] Morreu! / – Caíste, oráculo moderno, / Do alto do pedestal! – em JC. Observe-se que o primeiro verso vem em duas linhas – seu segundo segmento começa alinhado com os versos hexassílabos.

³¹ Assim] Asim – em PCEC1976.

³² Ver nota 3. Esta estrofe é idêntica à primeira em JC; em CRIS1864 (texto-base), a única diferença é o ponto de exclamação, que fecha o poema – a primeira estrofe termina por ponto final.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Chrysalidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.